



C A P Í T U L O 1

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE GEOGRAFIA E ARQUEOLOGIA EM SALA DE AULA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.42716251811>

Silvia Aline Pereira Dagostin

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Programa
de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA)
Criciúma, Santa Catarina
Bolsista FAPESC (CP 23/2025)
<https://orcid.org/0000-0003-2774-1004>

Diandra Ferrari Marangoni

Professora da Secretaria de Estado de Educação de Santa Catarina
Criciúma, Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0001-1285-659X>

Marcela Martins Tavares

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Programa
de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA)
Criciúma, Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0006-7907-9736>

Annie Souza Marques

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Programa
de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA)
Criciúma, Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0004-8656-1315>

Monica Priscila K. Guglielmi

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Programa
de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA)
Criciúma, Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0003-2174-8969>

RESUMO: O artigo apresenta a prática de realização de um estágio supervisionado, onde se buscou trabalhar com a interdisciplinaridade, propondo um diálogo entre arqueologia e geografia, buscando a construção destes conhecimentos em sala de aula. Ao estudar a arqueologia e a geografia, tendo como objetivo o diálogo interdisciplinar em sala de aula, comparando com as novas concepções e descobertas

da arqueologia com diferentes ciências que transitam pela interdisciplinaridade do tema, deparamos com questões importantes e atuais que precisam alcançar a sala de aula. Por isso, trabalhar com esses campos do conhecimento dentro da realidade escolar é um desafio para o docente, que deve buscar tornar temas que podem vir a ser abstratos e transformar em conceitos palpáveis que se aproximam da realidade do discente. Assuntos esses que estão presentes em seu dia a dia, e que ao mesmo tempo parecem tão distantes.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado, trabalho interdisciplinar, educação patrimonial

INTERDISCIPLINARITY BETWEEN GEOGRAPHY AND ARCHAEOLOGY IN THE CLASSROOM

ABSTRACT: This article presents the practice of a supervised internship, where the aim was to work with interdisciplinarity, proposing a dialogue between archaeology and geography, seeking to build this knowledge in the classroom. By studying archaeology and geography, with the objective of interdisciplinary dialogue in the classroom, comparing new conceptions and discoveries in archaeology with different sciences that traverse the interdisciplinarity of the subject, we encountered important and current issues that need to reach the classroom. Therefore, working with these fields of knowledge within the school reality is a challenge for the teacher, who must seek to transform potentially abstract themes into tangible concepts that are closer to the student's reality. These are subjects that are present in their daily lives, and yet seem so distant.

KEYWORDS: Supervised internship, interdisciplinary work, heritage education

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência ampla, abrangente e interdisciplinar por excelência, seu foco de estudo se volta para compreender as relações dos seres humanos com o planeta Terra, estando inserida num campo tão amplo quanto o das ciências da Terra.

Entre os muitos focos comuns de pesquisa científica, dois que se aproximam são a Geografia e Arqueologia, por meio dos estudos das ocupações humanas, do patrimônio e dos ambientes que estão inseridos nos processos arqueológicos (Sabino; Simões, 2013).

A arqueologia é o estudo da sociedade por meio de seus vestígios, que podem ser artefatos concretos e palpáveis, como uma cerâmica ou um lítico (instrumento de pedra), ou evidências mais abstratas, como os indícios de uma fogueira e de um acampamento, entre outras (Funari, 2003). A arqueologia, nesse sentido, deve ser

composta por meio de um trabalho interdisciplinar, que movimenta diferentes áreas do conhecimento para abranger diversas e complexas organizações culturais e sociais (Noelli 1996).

Vê-se, assim, que a geografia e a arqueologia estão muito próximas, principalmente relacionadas ao que envolve seus campos de atuação.

Desde o início da sua existência o ser humano ocupa o espaço geográfico na superfície do Planeta, (re)fazendo sempre as suas modificações de acordo com as suas necessidades e com a tecnologia da época (Miller, 2009; Santos, 2008). As atividades humanas do passado passam a integrar permanentemente a paisagem, onde modificações feitas por grupos posteriores vêm-se sobrepor às de grupos anteriores, configurando, desse modo, um processo contínuo de ocupação e uso do espaço.

Notadamente, os conteúdos referentes ao campo de pesquisa arqueológico não são muito explorados no contexto de sala de aula, salvo casos específicos de educação patrimonial utilizados em contextos acadêmicos, mas que são raros quando comparados a outros conteúdos programáticos de documentos norteadores, pelos quais não englobam e/ou não citam as contribuições arqueológicas (Azevedo; Scheel-Ybert, 2024).

Desta forma, a presente pesquisa parte da experiência dos autores durante a prática de estágio supervisionado do curso de licenciatura em Geografia. O estágio foi realizado em um Centro de Educação de Jovens e Adultos, localizado no município de Criciúma, Santa Catarina.

A necessidade de se trabalhar de forma interdisciplinar vem sendo discutida na atualidade em sala de aula, de forma a não mais fragmentar o conteúdo, mas sim de interagir entre as ciências (Azevedo; Scheel-Ybert, 2024). Assim, se tomou por base a Arqueologia e Geografia trabalhando de forma interdisciplinar e demonstrando como ambas as áreas contribuem para a construção do conhecimento e formação de uma consciência crítica do indivíduo frente ao mundo. Essa interdisciplinaridade é importante para o cotidiano escolar.

Em primeiro momento se trabalhou o conteúdo em sala de aula de forma a demonstrar esta proximidade entre as duas ciências e após 14 encontros foi realizada uma saída de campo ao laboratório do Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) propiciando aos discentes a prática. A atividade realizada foi possível por meio dos projetos de educação patrimonial da UNESC, que abrangem os trabalhos e divulgações da ciência arqueológica junto ao Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS), propiciando a visita de comunidades escolares visando a cooperação entre as áreas de conhecimento e o exercício do trabalho interdisciplinar (Campos *et al.*, 2018).

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE ARQUEOLOGIA E GEOGRAFIA

Dispondo de material histórico, ao que chamamos de registro escrito, a análise e descrição de uma civilização possuem maior suporte científico e metodológico para compor a gama de informações acerca do objeto de estudo. Porém, quando temos diante de nós apenas evidências de uma característica isolada de uma cultura, resta-nos, a partir desses achados, inferir teorias que tentam compreender como viviam essas pessoas há milhares de anos.

Em geral, pensa-se a Arqueologia como a ciência que fornece dados de suporte para as descrições para diferentes campos do conhecimento, ou ainda para descobrir e registrar a história no período pré-colonial. Todavia, a Arqueologia não se resume a tal, pois tem outras contribuições a apresentar. De acordo com Renfrew e Bahn (1991, p. 18):

A Arqueologia se interessa no conhecimento global da experiência humana no passado: como se organizavam as pessoas em grupos sociais e como exploravam o entorno, o que comiam, faziam e o que acreditavam; como se comunicavam e por que mudaram sua sociedade.

A arqueologia, em sua essência, estuda “a totalidade material e imaterial apropriada pelas sociedades humanas como parte de uma cultura total”, de todos os grupos humanos situados no tempo e no espaço, revelados pela presença dos sítios arqueológicos (Funari, 1998).

A ciência arqueológica no Brasil ainda caminha com passos curtos e cautelosos. No país, surgiu com as primeiras expedições de reconhecimento do território no século XIX realizadas por naturalistas, em sua maioria. Porém, foram as expedições internacionais que impulsionaram e deram um caráter científico à Arqueologia, a partir da década de 1950. De um lado, a expedição francesa, coordenada por Laming-Emperaire, realizou escavações em superfícies amplas nos estados do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. De outro, a pesquisadora da Smithsonian Institution, sediada nos Estados Unidos, Betty Meggers, que coordenou a criação do PRONAPA, responsável pela identificação de centenas de sítios arqueológicos na região sul do Brasil (Barreto, 2000).

Segundo Barreto (2000), foi produzida neste contexto uma grande quantidade de publicações nas décadas de 1960 e 1970, principalmente com resultados de pesquisas do PRONAPA. Juntamente com as pesquisas das décadas seguintes, hoje a região sul do território brasileiro conta com mais de 3.500 sítios arqueológicos pré-coloniais cadastrados.

A pesquisa arqueológica tem sido uma constante no Brasil nos últimos anos, em decorrência da legislação ambiental e cultural vigente e tem contribuído positivamente às questões voltadas ao entendimento da Arqueologia num plano

regional, formando-se pesquisas de cunho histórico-cultural em processos de longa duração (Noelli, 2000; Milheira 2010; Müller; Villagran, 2019), deixando está de ser uma ciência fragmentada ocasionada pelas escassas pesquisas realizadas pelas academias.

Assim, neste movimento de expansão, a Arqueologia aproxima-se cada vez mais de outras áreas do conhecimento, tais como a Geografia, a Geologia, a Antropologia, a linguística e a Biologia. Essa interdisciplinaridade tem contribuído para o aprofundamento dos conhecimentos e das interpretações dos arqueólogos (Moraes, 2000).

Oosterbeek (2009) ressalta que à medida que processos interdisciplinares contribuem para a elucidação acerca da ocupação pré-histórica e histórica de uma região, trazem à luz do conhecimento questões básicas sobre o uso e ocupação de determinadas áreas. Desta forma a implantação de programas de pesquisas interdisciplinares permite criar condições favoráveis para um estudo aprimorado da arqueologia regional e local, visando à identificação e proteção essenciais do patrimônio arqueológico e paisagístico, atrelado à preservação do Patrimônio Histórico da população afetada, corroborando desta forma com o desenvolvimento local, regional e da nação como um todo.

A contribuição do que conhecemos hoje como ciências da Terra (geografia, geologia, geomorfologia etc.) esteve sempre presente desde as teorias arqueológicas mais remotas até as atuais. A relação da arqueologia com as disciplinas das ciências da Terra pode ser detectada, desde o século XIX, na utilização de procedimentos e conceitos que oferecem aportes necessários para compreender os objetos estudados por ela (Araújo, 1999).

O uso da estratigrafia e as análises do solo, do clima, da vegetação, da fauna e das relações humanas com a natureza são exemplos de conhecimentos e avanços advindos da geologia, geomorfologia e geografia.

Destarte que as teorias de outras ciências influenciaram o avanço do pensamento arqueológico, o estudo das sociedades antigas possibilitou o entendimento do processo técnico evolutivo do homem, provendo assim as bases para que outros estudos pudessem se desenvolver.

A educação tradicional, baseada em torno do entendimento do conteúdo proposto pela disciplina e sem levar em consideração o conhecimento que o aluno já traz consigo, acaba contribuindo pouco com o mundo real do aluno, tornando o ambiente de aprendizagem artificial e desinteressante.

Por educação nós vamos designar o processo ligado à etimologia da própria palavra. Educação é uma palavra que vem do latim, de duas outras: *e* ou *ex*, que significa *de dentro de, para fora;* e *ducere*, que significa *tirar, levar*: Educação significa, pois,

o processo de tirar de dentro de uma pessoa, ou levar para fora de uma pessoa, alguma coisa que já está dentro, presente na pessoa. A educação supõe, pois, que a pessoa não é uma "tábula rasa", mas possui potencialidades próprias, que vão sendo desenvolvidas, colocadas em ação e desenvolvidas através do processo educativo. (Guareschi, 2001, p. 94).

Muitas vezes o modelo escolar está condicionado a escolher o melhor professor em sua matéria, todavia, embora saibamos que isso é de suma importância, entendemos que o mesmo não precisa (e não deve) apenas dominar o conteúdo de sua área, mas sim conduzir sua turma e relacionar o tema com seu cotidiano. É sabido que a "arte" de ensinar não é tarefa simples, nem tem receita pronta. A didática nos dá métodos que ajudam o professor a criar e desenvolver com seus alunos a melhor estratégia para recriar conhecimento e assim fazer da educação um exercício provocativo e prazeroso. A interdisciplinaridade faz-se de suma importância como ferramenta eficiente no processo de criação/recriação do conhecimento. Logo, o que se busca é que o estudante aprenda, queira aprender e busque através do processo interdisciplinar conseguir o resultado com excelência do trabalho de diálogo com outras áreas da ciência.

Para Gasparin (2011) a interdisciplinaridade deve ser percebida não de forma linear, mas em suas contradições, em suas ligações com outros conteúdos da mesma disciplina ou de outras, assim, cada parte, cada fragmento do conhecimento só adquire seu sentido pleno na medida em que se insere no todo maior de forma adequada.

De acordo com Brasil (1996), a reorganização curricular em áreas de conhecimento tem o objetivo de facilitar o desenvolvimento dos conteúdos, de maneira interdisciplinar e contextualizada. A proposta da interdisciplinaridade é estabelecer ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos. O currículo deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o aluno para a vida em sociedade, a atividade produtiva e experiências subjetivas, visando à integração.

O projeto pedagógico-curricular, sintetiza os interesses, os desejos, as propostas dos educadores (cientistas e escolas) que trabalham na escola, respondendo a estas perguntas:

- Que tipo de escola, nós, profissionais dessa escola, queremos?
- Que objetivos e metas correspondem às necessidades e expectativas dessa comunidade escolar?
- Que necessidades precisamos atender em termos de formação dos alunos e alunas para a autonomia, cidadania, participação?
- Como faremos para colocar o projeto em permanente avaliação, dentro da prática da ação-reflexão-ação? (Libâneo, 2008, p. 152).

De acordo com Quadros e Azambuja (2002), a valorização do trabalho interdisciplinar vem a questionar o saber compartimentado. Com isso busca novos desafios não só para o professor, mas também para o aluno que acaba se interessando muito mais pelo conhecimento. Pois está sendo construído em conjunto.

Para Santomé (1998), a interdisciplinaridade consiste em unir conteúdos de distintas áreas em um contexto coletivo de aprendizagem, construindo uma ligação entre as disciplinas e promovendo a interação entre as diversas áreas. É a busca de conhecimento objetivando uma concepção de saberes em conjunto.

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação [...] (Brasil, 1999, p. 88).

A interdisciplinaridade abrangendo as diferentes ciências do conhecimento é a base para o desenvolvimento da reconstrução do conhecimento. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (Brasil, 2002).

Problematizar questões democráticas, interdisciplinares, cidadania, enfim, trazer essas questões para dentro da escola leva-nos ao currículo.

O currículo é a representação da cultura no cotidiano escolar [...], o modo pelo qual se selecionam, classificam, distribuem e avaliam conhecimentos no espaço das instituições escolares [...] um modo pelo qual a cultura é representada e reproduzida no cotidiano das instituições escolares. (Pedra, 1997, p. 30 apud Libâneo, 2008, p. 170).

Buscando esta integração, é que se decidiu realizar a prática de estágio em geografia – com o CEJA – o projeto interdisciplinar entre as duas áreas do conhecimento: Geografia e Arqueologia. Os Parâmetros Curriculares Nacionais ajudam a pensarmos nestas questões geográficas quanto aos currículos.

Os PCNs constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional [...] Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas, pelos professores. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia à competência político-executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País e à autonomia de professores e equipes pedagógicas" (Libâneo, 2008, p. 71).

A geografia, no sentido literal do seu significado, como "estudo da Terra", é uma ciência abrangente e interdisciplinar por excelência, que estuda diversas ciências como a geomorfologia, geologia, climatologia, cartografia, economia. E acima de tudo o resultado de tudo isso é a construção do espaço geográfico. Segundo Milton Santos:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (Santos, 1978, p. 122).

Assim, o espaço geográfico reflete as práticas, necessidades e valores de uma sociedade, sendo moldado por processos históricos e pela ação humana. Nesse sentido, os estudos acerca dos processos culturais exercem papel fundamental, pois funcionam como referência para o comportamento social, orientando a forma como os indivíduos se relacionam entre si e com o ambiente em que vivem. Laraia define cultura como:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura (Laraia, 2007, p. 68).

Sob essa perspectiva, a cultura serve como um referencial de comportamento em cada sociedade. Influenciando estéticas, estabelecendo critérios de adequação, orientando interações e ações por meio da socialização. Conjuntamente, o patrimônio se faz como referência a todos os elementos materiais ou imateriais, abrangendo monumentos/edificações históricas e sítios arqueológicos até tradições e costumes que são considerados por uma sociedade significativos. Zinirato e Ribeiro simplificam a compreensão de patrimônio ao citar Gonzales-Varas:

Os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que compreendem o patrimônio cultural são considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana”, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo (Gonzales-Varas, 2003, p. 44 *apud* Zinirato; RIBEIRO, 2006, p.252).

A integração da arqueologia e da educação patrimonial aos estudos na educação básica é fundamental para compreender os processos históricos e a organização do espaço. A arqueologia, como investigação a longo prazo, oferece um percurso completo de análise, permitindo que os estudantes se apropriem do conhecimento sobre cultura, história e território. Nesse sentido, a educação patrimonial não se limita à simples transferência de informações, mas atua como base para a construção do saber, a partir da identificação e valorização do patrimônio local existente (FREIRE, 1996, p. 22). Assim, projetos de educação patrimonial tornam-se instrumentos estratégicos para formar cidadãos conscientes do valor do patrimônio e do papel das pesquisas arqueológicas na construção de um conhecimento interdisciplinar, crítico e significativo.

Dessa forma, a compreensão dos processos históricos se fortalece quando se articula a interdisciplinaridade entre geografia, história e arqueologia. Essa abordagem permite reinterpretar o conhecimento e reconhecer as práticas sociais,

relacionando o espaço geográfico às experiências culturais e às evidências materiais do passado. Ao tratar o estudante como agente ativo na construção de sua própria realidade, ele se percebe como sujeito histórico e social, fortalecendo a consciência de sua identidade cultural e do papel que desempenha na organização do território.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: PRÁTICA EM SALA DE AULA

A temática foi planejada visando abordar o conteúdo já em andamento pelo professor titular. Neste caso, relacionam-se à vivência. Nesse sentido, necessita trabalhar a arqueologia que, apesar de estar muito presente no litoral da região do extremo sul catarinense, ainda é significativamente desconhecida por esses que acessam fora da escola, por materiais que não são didáticos para essa aprendizagem.

Se o professor não estiver aberto e atento a esse conhecimento que o educando traz em sua bagagem, a interdisciplinaridade, assim como o aprendizado, forçosamente estará prejudicada. Precisa-se reinventar a interdisciplinaridade.

O uso desta expressão parece indicar mudanças paradigmáticas no campo da produção do conhecimento e das concepções filosóficas que a embasam. A palavra invenção, embora possa se referir ou enfatizar aspectos distintos do que seria fundamental na construção do conhecimento sobre o sublunar, remete este conhecimento e os objetos e sujeitos que dele participam para o plano da História, afastando-os de qualquer forma de naturalização (Albuquerque, 2007).

Segundo Martinelli *et al.* (1998), é possível desenvolver um estudo interdisciplinar para buscar um conjunto de informações que possibilite estabelecer uma análise sobre o processo de interação homem-natureza, a partir da perspectiva do estudo da paisagem. Sendo assim, utilizamos diversos conceitos geográficos, como território, lugar, região e espaço, estabelecendo a relação destas ciências.

Com isso, o presente projeto se desenvolveu em 14 aulas/horas. Que foram trabalhados os seguintes temas: Introdução à Arqueologia e Geografia; a interdisciplinaridade; os conceitos essenciais da disciplina de Geografia; Aspectos físicos dos sítios arqueológicos; Área de captação de recursos minerais; A importância da preservação dos sítios arqueológicos; Educação Patrimonial e Ambiental, e dividido da seguinte forma (Quadro 1):

Quadro 1: Organização e disposição das aulas ministradas

Número da aula	Tema/conteúdo/ Atividade	Procedimento Metodológico	Recurso Didático
1 ^a , 2 ^a , 3 ^a e 4 ^a aula	-Introdução à Arqueologia e Geografia: a interdisciplinaridade. -Os conceitos essenciais da disciplina de Geografia. -Aspectos físicos dos sítios arqueológicos	Aula expositivo-dialogada; -Dinâmica; -Esquemas no quadro; -Vídeos.	Quadro\giz; Questionário; Data Show
5 ^a , 6 ^a , 7 ^a e 8 ^a aula	-Caracterizar as áreas de captação de recursos minerais. - Confecção de réplicas de cerâmica guarani.	-Aula expositivo-dialogada;	Quadro; Pincel; Argila.
9 ^a , 10 ^a , 11 ^a e 12 ^a aula	-A importância da preservação dos sítios arqueológicos. -Educação Patrimonial e Ambiental.	-Aula expositivo-dialogada; - Atividades	Quadro\Pincel; -Questionário; -Vídeos; - Data show.
13 ^a e 14 ^a aula	- Discussão de todo assunto trabalhado nos encontros.	- Resenha - Debate	

Fonte: Dos autores (2025)

Como a disciplina lecionada era Geografia, iniciou-se pelos conceitos geográficos, sempre relacionando os mesmos com a vivência dos educandos. Quando foi percebido que os mesmos já tinham o entendimento do conteúdo proposto pela disciplina, começou-se a instigá-los para trouxessem ao grande grupo os conhecimentos que tinham de arqueologia. Percebeu-se que era ínfima, ou quase nenhuma, alguma coisa muito diferente da qual havia sido proposto. Foi o momento de conceituar o que era essa nova ciência e o papel que a geografia representava para a mesma.

No encontro posterior viu-se quão importante é o papel do mediador numa dinâmica de interdisciplinaridade, Como fala Gasparin:

Ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor torna-se provocador, contraditor, facilitador, orientador: [...] primeiro o professor faz a leitura do conteúdo, apropriando-se dele. Em seguida, coloca-o à disposição dos alunos que, por sua vez, o refazem, o reconstruem para si, tornando-o seu, dando-lhe um novo sentido (Gasparin, 2007).

Nesse sentido, a mediação do professor mostrou-se fundamental para articular os saberes, estimulando a participação ativa dos estudantes e a apropriação dos conceitos trabalhados. Ao explorar práticas de educação patrimonial e duas dinâmicas, observou-se que os estudantes começaram a perceber conexões entre o espaço geográfico, os processos históricos e a cultura, indicando caminhos promissores para a construção contínua do conhecimento interdisciplinar.

Após dois encontros teóricos, muitos alunos curiosos foram até áreas que tínhamos citado em sala de aula: os sambaquis; ver na prática o que tinham aprendido, e sem dúvida vinham novas dúvidas e muitas contribuições. Percebeu-se também que sempre que se referiam à arqueologia, faziam relações e utilizavam os conceitos geográficos para todas as suas explicações; isso comprovou, o que foi atestado por meio deste Trabalho, a importância da interdisciplinaridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou demonstrar através da temática de geografia e arqueologia em sala de aula uma proposta interdisciplinar, as relações entre as duas ciências e a importância da interdisciplinaridade no processo de recriação do conhecimento. Nesse processo, onde o aluno é provocado a participar de modo interativo, buscou-se fazer com que os alunos entendessem que as ciências se completam, ou seja, uma se relaciona com a outra para gerar resultados satisfatórios à comunidade. Trabalhar de forma interdisciplinar, portanto, contribuiu para um melhor aprendizado do aluno, fazendo com que o mesmo entenda a importância de determinados temas não só enquanto grade curricular (que é assim que os alunos muitas das vezes veem as aulas de geografia), mas também enquanto reflexão de mundo, tendo em vista que regularmente fica difícil ao educando relacionar estes aspectos em sala de aula, já que os conteúdos geralmente são trabalhados de forma isolada e fragmentada.

Acreditamos que a interação das disciplinas já existe de forma espontânea e que na prática conseguimos alcançar nossos objetivos de fazer com que o aluno conseguisse incluir outra ciência em seu conhecimento, entendendo que a arqueologia não está diretamente subdividida na grade escolar, mas presente no dia a dia destes alunos.

O Sul do Estado de Santa Catarina é uma região rica em vestígios arqueológicos, e os mesmos podem ser uma “sala de aula” para que os alunos entendam o passado de sua região e como este passado influenciou e influencia a construção do espaço geográfico atual. Trabalhar as temáticas de geografia e arqueologia de forma interdisciplinar fez com que os alunos compreendessem que vestígios deixados pelas sociedades pretéritas, assim como vestígios que nós estamos deixando para sociedades vindouras, são de responsabilidade de todos; tanto preservar, estudar e compreender o que ficou; assim como ter consciência do que vamos deixar aos futuros habitantes de nossa região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *História: A arte de inventar o passado: Ensaios de teoria da história/ Bauru, SP: Edusc, 2007.* p.256 (Coleção História).

ARAÚJO, A. G. M. As geociências e suas implicações em teorias e métodos. *Revista do MAE/ USP*, v. 3, p. 35-45. 1999.

Waismann de Azevedo, Leonardo, e Rita Scheel-Ybert. "Percorrendo caminhos da arqueologia e da educação: encontros no ensino escolar". *Revista de Arqueologia* 37, n.º 2 (2024): 118-49. <https://doi.org/10.24885/sab.v37i2.1134>. Acesso em: 06 set. 2025.

BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 32-51, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; ZOCCHE, Jairo José; RIBEIRO, André Luiz Martins; CEZARO, Hérom Silva de; PAVEI, Diego Dias; CARRER, Lauro; OSTETTO, Lucy Cristina. Ações de educação patrimonial no extremo sul catarinense: incentivando a escola a preservar o patrimônio arqueológico. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 3-13, 31 jul. 2018. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20396/rap.v12i1.8652572>>. Acesso em: 5 set. 2025.

FUNARI, P. P. A. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: IFCH-Unicamp, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 31ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

GUARESCHI, P. A. *Sociologia crítica: alternativas de mudanças*. 63. ed., ver. e ampl. – Porto Alegre. EDIPUCRS, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. Revista e ampliada – Goiânia: MF Livros, 2008.

MARTINELLI, M. L. et al (org.) *O uno e o múltiplo nas relações do saber*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 153–157.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense**: história e território. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-23082010-161634/>. Acesso em: 06 set. 2025.

MILLER, Tom Oliver. Usos da arqueologia na sala de aula. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 9, n. 34, p. 167, 23 out. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rho.v9i34.8639586>>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MORAIS, J.L. Tópicos da Arqueologia da Paisagem. *Revista do MAE/USP*, v. 10, p. 3-30, 2000.

MÜLLER, Isabela da Silva, VILLAGRAN, Ximena Suarez. Arqueologia guarani no litoral central de Santa Catarina. *Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-22072019-124139/pt-br.php>. Acesso em: 06 set. 2025.

NOELLI, francisco silva. a ocupação humana na região sul do brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 44, p. 218–269, 1999. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i44p218-269. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/29849>. Acesso em: 6 set. 2025.

NOELLI, Francisco Silva. "As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi". *Revista de Antropologia* 39, n.º 2 (1996): 7–53. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111642>. Acesso em: 06 set. 2025.

OOSTERBEEK, L. *Arqueologia da Paisagem no Sul do Brasil*. Erechim, RS: Habilis, 2009.

QUADROS, C.; AZAMBUJA, G. *Formação de professores em serviço: a experiência da Unifra*. Santa Maria: Unifra, 2002.

RENFREW, C.; BAHN, P. *Arqueología: Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Ed.Akal, 1991.

SANTOMÉ, J. T. A *Organização relevante dos conteúdos nos currículos*. In: *Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre. Editora Artes Médicas, 1998.

SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SABINO, A.; SIMÕES, R. Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos. *Revista de Arqueologia Pública*, Campinas, n.8, dez. 2013.

ZANIRATO, S. H; RIBEIRO, W.C. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 251-262. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/NwJwRjnrD9RKZ5pNNvYJTZf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 01 de mai. 2024.